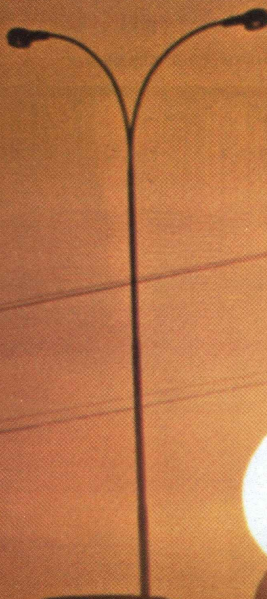


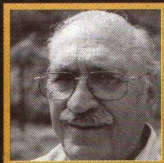
# PIONEIROS

*Histórias de quem fez Brasília*

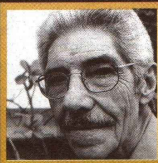


A série *Pioneiros — Histórias de quem fez Brasília* está homenageando, em 20 fascículos, todos os brasileiros que, de alguma forma, participaram da concretização do sonho de Juscelino Kubitschek de trazer para o Planalto Central a capital do país. Neste número, conheça mais sobre essa gente desbravadora.

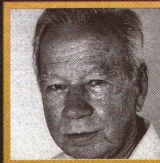
Carlos  
Braga



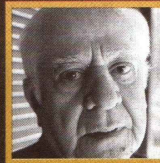
Edson  
Porto



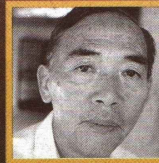
Hilton  
Carvalho



Tasso Galvão  
de Vellasco



Yoshiaki  
Onoyama





## PIONEIROS



Carlos Braga

# Alegria por contribuir para uma das obras do século

Arquivo pessoal



CARLOS BRAGA NA SALA DE DESPACHO NO PALÁCIO DA ALVORADA, EM 1959

STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

O título Comissão de Mudança da Capital estampado numa das portas da antiga sede do governo brasileiro, no Rio de Janeiro, já chamava a atenção do funcionário público Carlos Braga, então assessor do ministro da Justiça, Marcondes Filho. “Eu sonhava em trabalhar e participar desta façanha que era a construção de Brasília”, afirma Carlos.

O curso técnico de operador quase o levou a ingressar na Companhia Siderúrgica Nacional — CSN, em Volta Redonda. Não fosse a indicação do ministro, com a ajuda do tio que também trabalhava no ministério, a epopéia da construção da nova capital e da inauguração do Senado Federal certamente não seria a mesma.

Carlos Braga foi nomeado pelo presidente provisório, José Linhares, em fins de 1954, para integrar o Grupo de Trabalho de Brasília (GTB) e cuidar dos preparativos da transferência do Senado Federal. Depois disso, o pioneiro seguiu viagem rumo ao Planalto no dia 1º de abril de 1960, na companhia do colega Luiz do Nascimento Monteiro. Era o início de uma grande empreitada, marcada por muito esforço, trabalho e dedicação.

Um ano antes, o novo morador da cidade já tinha se aventurado pelo cerrado com o amigo de longa data, o senador Benjamim Galotti (SC), a bordo de um Chevrolet Bel-Air 57, para conhecer de perto o local.

Com a autorização do Departamento Nacional de Estradas e Rodagem (DNER), os dois seguiram a uma inesquecível viagem, cheia de surpresas, por quase dez dias. Saíram do Rio, passando

por Belo Horizonte, Três Marias, Paracatu até chegarem ao local onde seria construída a capital. “Fomos mapeando tudo e, por meio de um diário, anotamos todas as observações como a quilometragem e as condições das estradas”, detalha o pioneiro, que, ao contrário de muitos, defendia a idéia de interiorização da capital.

“Quando cheguei à altura do Gama e vi aquele céu, fiquei com-

pletamente extasiado. O céu de Brasília é ímpar”, declara. Faltando apenas 20 dias para a inauguração, trabalho não faltava para o primeiro funcionário do Senado que quase chegou à exaustão devido ao ritmo incessante. O trabalho era árduo “dada a precariedade dos meios de que dispunham para preparar o Congresso, colocando-o nas condições exigidas pelas autoridades ao ensejo do grande evento da inauguração

de Brasília”, descreve Carlos em um depoimento à imprensa.

Polivalente e sempre bem disposto, o funcionário do Senado se desdobrava entre as várias atividades no Congresso, que iam da preparação do plenário à compra dos móveis para os apartamentos dos 64 senadores. Os móveis, comprados na Cidade Livre, eram todos de armadura de ferro e fabricados pelo Liceu de Artes e Ofício de São Paulo. O funcionário recebeu um caminhão para o transporte da mobília, que foi paga com o dinheiro que ele trouxe do Rio em uma kombi. “Eram mais ou menos uns trezentos contos”, recorda.

De vez em quando e conforme a necessidade, ainda se fazia passar por mecânico ou enfermeiro. “O trabalho era intenso. Dormíamos duas ou três horas por noite. Imagine que para comprar uma caixa de fósforos tínhamos que nos deslocar até o Núcleo Bandeirante”, lembra o hóspede do Brasília Palace Hotel.

O trabalho excessivo e as dificuldades da época foram compensados pela alegria da inauguração e a satisfação de ter contribuído para a construção de uma das maiores obras do século. “Ficaram sempre estampadas em minha retina a beleza, a imponência e a suntuosidade daquele



## PIONEIROS

*O funcionário do Ministério da Justiça integrou o Grupo de Trabalho de Brasília. Foi o encarregado da transferência do Senado Federal para a nova capital*

Arquivo pessoal



ensolarado 21 de abril de 1960", recorda o desbravador.

A apresentação do balé no Senado e os festejos da inauguração eram transmitidos para o Rio de Janeiro através de antenas parabólicas instaladas em cima de caminhões, numa época em que não existiam telefones na cidade e as correspondências do Congresso eram despachadas por malote.

**Más lembranças**

A construção de Brasília teve um significado especial para muitos senadores que defendiam incansavelmente, ao lado de Juscelino Kubitschek, a mudança da capital, como lembra o funcionário do Senado. "Havia uma descrença muito grande por parte da Casa e não se acreditava na capacidade de JK instalar a nova capital. Os poucos favoráveis — os da bancada de Minas e Goiás — desdobravam-se com toda a ênfase para modificar o clima de pessimismo, atestando sua confiança nos propósitos do senhor presidente da República". A mudança da capital também era motivo de choro para os funcionários no Rio de Janeiro, que ao assistirem às primeiras transferências ficavam informados.

Com a extinção do Grupo de Trabalho e pronto para novas incumbências, Carlos Braga se viu de frente para uma outra grande missão. Foi escalado pelo diretor-geral da Secretaria do Senado, Evandro Mendes Viana, para uma função delicada: buscar no Hotel Nacional o senador Arnon de Mello. O parlamentar estava ameaçado de morte pelo inimigo político Silvestre Péricles, que prometeu matá-lo no dia de sua posse. O mineiro de Conselheiro Lafaiete não hesitou: "você sabe

“  
**FIGURAM SEMPRE  
 ESTAMPADAS EM  
 MINHA RETINA A  
 BELEZA, A  
 IMONÊNCIA E A  
 Suntuosidade  
 DAQUELE  
 ENSOLARADO 21  
 DE ABRIL DE 1960**  
 ”

que a palavra 'não' não existe em meu dicionário. Só preciso de um carro e um motorista".

Meses depois da posse de Arnon de Mello, o funcionário do Senado presenciava as cenas mais tristes de sua vida: violentos discursos de um contra o outro e os três disparos da arma do senador Péricles em direção ao inimigo. "O tumulto foi geral não só entre os parlamentares, mas também na tribuna de honra", conta. Os tiros não acertaram o senador Arnon e sim José Kairala. Inconformado com a atitude e o comportamento de Silvestre Péricles, que "não levava muito a sério o regimento do Senado", a amizade e a consideração pelo pai do ex-presidente Collor de Mello levariam o pioneiro a gerenciar as obras da Casa da Dinda no mesmo ano de 1963.

Ex-constituente, Carlos Braga ainda desempenhou várias funções na Casa até se aposentar em

1975. Seu último trabalho foi ao lado do senador José Sarney, "um insigne homem público, famoso por sua generosidade, que me acolheu e onde permaneci até que a aposentadoria por tempo de serviço viesse me atingir". A generosidade é uma das virtudes deste pioneiro que dedica boa parte do seu tempo às obras assistenciais do Centro Espírita Paulo de Tarso, no Lago Norte. "Brasília para mim é tudo. Aqui eu consegui a primeira casa, na 707 Sul — no Rio ele morava de aluguel —, criei meus filhos e netos", afirma o pioneiro.

"Agradeço a Deus e a Juscelino Kubitschek a primazia e a felicidade de viver, criar minha família e meus netos candangos nesta paradisíaca e planaltina cidade. Sua lembrança e imagem ficarão sempre incrustadas na alma e no coração desta cidade, que foi tão bem cognominada de Capital da Esperança", acrescenta.

**CARLOS AGRADECE A DEUS O PRIVILÉGIO DE TER PODIDO CRIAR OS FILHOS E NETOS NA CIDADE**

**Raio X****Nome:**

Carlos Braga

**Idade:**

77 anos

**Origem:**

Conselheiro Lafaiete, Minas Gerais

**Ano de chegada a Brasília:**

1959

**Profissão:**

Funcionário público aposentado

**Esposa:**

Leny da Fonseca Braga

**Filhos:**

Carlos, Sérgio, Márcia, Valéria, Solange, André,

Ana Luíza e Alan

**Netos:**

Rodrigo, Roberto, Ricardo, Rafael, Gabriela, Fábio, Felipe, Júlia, Gustavo, Vinícius, Débora, Lucas e Cristiano





Edson Porto

# O dia-a-dia da Medicina nos primeiros anos de Brasília

Arquivo pessoal

STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

A vinda do médico Edson Porto a Brasília, a princípio, duraria apenas três meses, não fosse o entusiasmo dos trabalhadores, o clima provinciano e o envolvimento de todos os candangos na construção. “Eu vim de Goiânia com a certeza de passar alguns meses na futura capital, mas fui contagiado pelo movimento das obras e me senti atraído por tudo aquilo que estava acontecendo”, afirma o pioneiro.

O primeiro médico a chegar ao Planalto Central para prestar assistência aos trabalhadores desembarcou no local onde seria construída a nova capital no dia 4 de dezembro de 1956, num pequeno avião de fabricação alemã, acompanhado dos médicos Ernesto Silva e Jairo de Assis Almeida e do comerciante Agostinho Montandon, amigo de Juscelino Kubitschek dos tempos em que administrava o Hotel Araxá, nas Minas Gerais.

O Catetinho, já construído e administrado por Montandon, foi o primeiro endereço dos visitantes, onde durante 20 dias fizeram companhia aos pioneiros Jofre Parada, Vasco Viana, Hélio Pena e Bernardo Sayão, que lá já estavam.

Com trabalho de sobra na cidade, Edson, assim que chegou, foi cumprir as suas funções de médico em um barraco de madeira improvisado no acampa-



mento do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários — IAPI, na Candangolândia. Era neste barraco de uma sala de nove metros quadrados, dividido por um anteparo, que ele fazia suas primeiras consultas na capital.

Sem nenhuma infra-estrutura, o médico — formado pela Faculdade Nacional de Medicina do Brasil, no Rio de Janeiro — atendi os casos mais simples e reali-

zava pequenas cirurgias. “Os pacientes mais graves eram encaminhados para o tratamento em Goiânia, levados em um avião fretado pela Novacap”, lembra Edson. Depois de um exaustivo dia de trabalho, o desbravador subia no jipe do amigo Sayão e voltava para um mercedino descaído no Catetinho.

A presença do jovem médico na futura capital federal se deu graças ao contrato estabelecido

entre a Casa de Saúde Rassi, de Goiânia, e a Novacap com o objetivo de manter um médico nas obras até que fosse construído o Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira — JKO, na Cidade Livre (Núcleo Bandeirante). Com a inauguração do hospital, em meados de 1957, e com o reconhecimento da comunidade por seus inestimáveis serviços prestados, Edson Porto recebeu o convite do pre-

**EM UM BARRACO DE MADEIRA IMPROVISADO, ELE ATENDEU SEUS PRIMEIROS PACIENTES**

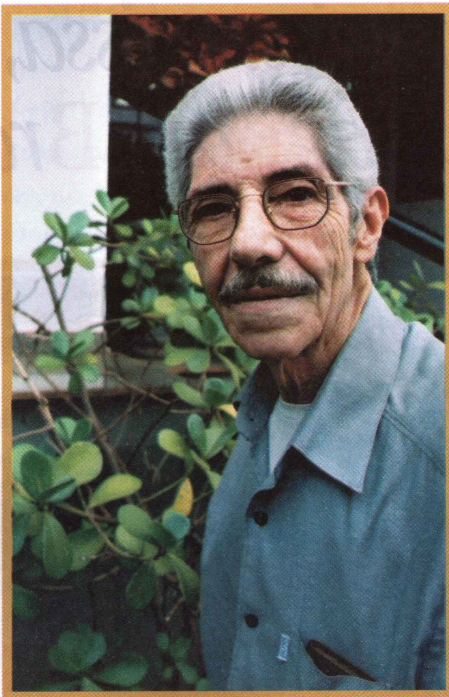
sidente do IAPI para ser o seu primeiro diretor. “Eu era jovem (23 anos), solteiro e, além disso, tinha a dobradinha — salário duplo”, lembra o pioneiro, que acabou ficando por aqui.



## PIONEIROS

*O médico chegou a Brasília em 1956 e, durante algum tempo, todos os trabalhadores contratados pela Novacap passavam pelo seu consultório para o exame admissional*

HOJE, EDSON  
AGRADECE POR TUDO  
QUE BRASÍLIA JÁ LHE  
PROPORCIONOU



O JKO ou Hospital de Campanha — assim denominado devido à construção nos moldes militares — tinha capacidade para 50 leitos, onde funcionavam a pediatria, a clínica-médica, cirúrgica, gineco-obstetrícia, um gabinete dentário e o Raios X. Todos os trabalhadores contratados pela Novacap passavam pelo consultório do Dr. Edson para fazer o exame admissional. Pelas contas do médico, em dois ou três meses de trabalho, mais de dois mil empregados haviam sido atendidos. Com o aumento do desmatamento na região, cresceu também o número de atendimentos por picadas de cobras, lembra o ex-diretor do hospital: “os piores casos foram mesmo de picada de cobra venenosa, principalmente da jararaca e da cascavel. Lembro-me que em duas semanas houve 16 casos”. As vítimas eram enviadas a Goiânia, pois ainda não havia o soro antiofídico na cidade. Só mais tarde foi possível trazer o remédio para a aplicação, e “em uma hora estava tudo resolvido”.

### O grande desafio

O crescimento da população, principalmente de homens, vinda de todas as regiões do país para os trabalhos braçais, aliado à falta de lazer na cidade, fazia com que a Novacap improvisasse um caminhão para levar os trabalhadores para Luziânia, onde “havia apenas quatro mulheres disponíveis”. Resultado, depois de um mês, a cidade encheu de mulheres — de quatro passaram a ser 36, ocasionando o surgimento de doenças venéreas na região.

Para tentar sanar o problema, Edson Porto e os colegas Jaíro de Almeida e João da Mota Leão fo-

ram a Luziânia colher o material para análise a fim de descobrir qual mulher estava contaminada. “Descobrimos que 23 mulheres portavam a doença”, contabiliza o pediatra. Com o resultado, fizeram a prevenção aplicando a dolorosa Benzetacil em quase todas as mulheres. “Elas corriam da vacina porque era muito dolorosa e com isso ficavam três dias sem trabalhar”, conta o ex-presidente da Associação de Pediatria de Brasília. “Para escapar da vacina elas colocavam vigias para avisarem da chegada dos médicos”, acrescenta.

Outro fato que o médico se lembra como se fosse hoje envolve o amigo Vítor, que ele considerava mais que um cozinheiro, um médico sanitarista, devido ao seu ato de coragem e iniciativa du-

rante uma invasão de moscas nas proximidades do restaurante no Núcleo Bandeirante. Como o saneamento básico na cidade era praticamente inexistente, o número de moscas provocou um surto de diarreia nos trabalhadores. Edson correu a uma farmácia de Luziânia para comprar o Enteroviofórmio a fim de combater a disenteria. Chegando lá, pediu ao farmacêutico uma boa quantidade do medicamento e ele negou afirmando que seu estoque tinha acabado. “Descobri que o cozinheiro havia comprado o remédio e colocado no meio do feijão na dosagem certinha. Poucos dias depois, o surto havia passado”, conta, emocionado. Aousadia do “médico-sanitarista” lhe rendeu em seguida o convite para trabalhar no Serviço de Ali-

“ OS PACIENTES  
MAIS GRAVES  
ERAM  
ENCAMINHADOS  
PARA  
TRATAMENTO EM  
GOIÂNIA,  
LEVADOS EM UM  
AVIÃO FRETADO  
PELA NOVACAP

mentação Popular — SAP.

Os anos de dedicação e o profissionalismo de Edson Porto o levaram a integrar a equipe do Hospital Distrital (atual Hospital de Base). Lá, um dos primeiros médicos de Brasília promoveu intensas campanhas contra a poliomielite e a desidratação, chegando anos depois à vice-direção do hospital. O pioneiro também chegou a ocupar a presidência do antigo Hospital Presidente Médici (atual Hospital Universitário).

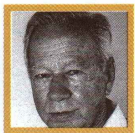
Mas foi nos embalos da noite goiana que o ex-presidente do Ipase — recém-chegado à capital — encontrou sua esposa e companheira, Marilda Moraes Porto, a jovem estudante por quem o Edson se apaixonou.

As dificuldades de ir e vir à vizinha Goiânia naquela época — a viagem durava um dia inteiro — fizeram apressar o casamento dos pioneiros. Aos poucos, a família cresceu com o nascimento dos filhos: Valéria, Saulo, Fábio, Simone e Mauro. “Hoje, só tenho a agradecer por tudo que Brasília já me ofereceu”, afirma o também violinista que chegou a se apresentar várias vezes na capital com a Orquestra Sinfônica do Distrito Federal.

## Raios X

**Nome:**  
Edson Porto  
**Idade:**  
72 anos  
**Origem:**  
Araguari, Minas Gerais  
**Ano de chegada a Brasília:**  
1956  
**Profissão:**  
Médico  
**Esposa:**  
Marilda Moraes Porto  
**Filhos:**  
Valéria, Saulo, Fábio, Simone e Mauro  
**Netos:**  
Lídia, Fabiana, Mariana, Isabella, Luisa, Marco Túlio, Natália, Pedro, Victória, Gabriela e Júlia  
**Títulos:**  
Ordem do Mérito Marechal José Pessoa, Medalha Mérito Buri e Medalha do Mérito Alvorada.





Hilton Carvalho

Ele ganhou seu primeiro te  
mudou de ramo e investiu

# Depois da primeira missa, a decisão de mudar para Brasília

Reprodução/ livro Brasília, cidade que inventei



BIANCA CHIAVICATTI

ESPECIAL PARA O CORREIO

O empresário Hilton Carvalho, 78 anos, teve a oportunidade de ser informado pela primeira vez sobre a construção da nova capital pelo próprio idealizador da obra, o presidente Juscelino Kubitschek. Era 1956 e o então candidato à Presidência da República lançava sua candidatura em Anápolis, cidade goiana onde Carvalho vivia com a esposa, Olga, e os dois primeiros filhos do casal.

Longe de se imaginar um dia afastado da profissão de dentista, que exercia na época, Carvalho encontrou o ilustre visitante com o carro atolado próximo a uma ponte. Num gesto de solidariedade, o jovem dentista transportou JK até o hotel onde o candidato se instalaria na cidade. De personalidade simples e aberta, em pouco tempo de conversa JK terminou revelando sua intenção de levar a capital federal para o Planalto Central. "Eu já conhecia seu trabalho como governador de Minas Gerais, por isso não tive dúvidas daquilo que ele me falava", esclarece o empresário.

A visita à região onde seria dado início às obras de Brasília ocorreu um ano depois. Informado de que seria rezada a primeira missa no local, Carvalho

se deslocou para cá em maio de 1957. Totalmente desabitado, no lugar onde futuramente passaria o Eixo Monumental e onde hoje está o memorial JK só existia a vegetação do Cerrado e uma picada aberta por Bernardo Sayão. Poucas pessoas participaram da cerimônia, mas o momento era especial e deixou

marcas no jovem dentista.

"Quando ele retornou para Anápolis, já havia decidido participar da construção da nova capital", recorda-se a esposa. "Ele me disse: Olga, aqui é uma beleza, quero ir para lá", conta. A mudança aconteceria no mês seguinte, em julho de 1957.

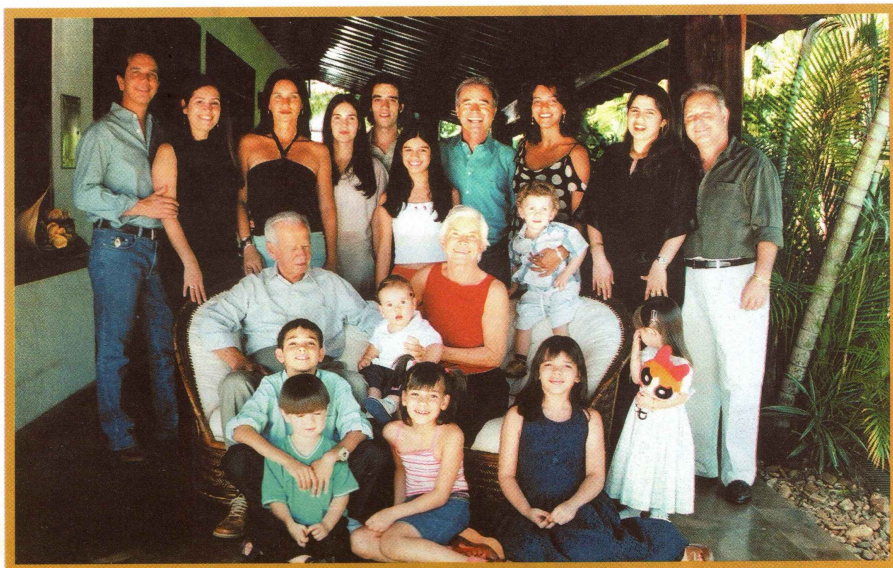
## O primeiro consultório

Os terrenos na Cidade Livre (Núcleo Bandeirante) eram distribuídos para as pessoas após uma entrevista feita pela Novacap sobre as intenções que as traziam à futura Brasília. Interessado em montar um consultório dentário, Carvalho não teve dificuldades em receber o primeiro local de

NA RECÉM-ABERTA W3 SUL, HILTON MONTOU SEU CONSULTÓRIO DE ODONTOLOGIA, HOJE DIRIGIDO POR SUA MULHER, OLGA, TAMBÉM DENTISTA



ro terreno na nova capital para montar um consultório de Odontologia. Em 1964, stiu no comércio de pneus. Hoje é dono de uma rede de 30 lojas em dez estados



HILTON E OLGA APROVEITAM A FAMÍLIA, SEM LEMBRAR DAS DIFICULDADES DOS PRIMEIROS TEMPOS NA CIDADE

moradia no Distrito Federal.

O terreno ficava na Segunda Avenida da Cidade Livre. Três meses depois, Carvalho trocava o lote por outro melhor localizado, na Avenida Central. As duas avenidas eram as únicas que existiam na cidade. O consultório foi inaugurado no final do ano. Por algum tempo, Carvalho foi o único dentista instalado aqui. No clima de cordialidade e igualdade característico da construção de Brasília, o atendimento era o mesmo para engenheiros e peões.

Como todos os que se arriscavam a participar do projeto de JK, Carvalho atendia os clientes no mesmo lugar que lhe servia de residência. A precariedade das condições de vida fez com que a família permanecesse em Goiânia até 1959. Mesmo assim, a esposa Olga ainda guarda na lembrança como um dos fatos mais marcantes deste início na cidade o frio que sentia no barracão de madeira do Núcleo Bandeirante. "A construção era feita de tábuas so-

brepostas com frisos abertos entre elas", lembra. "O frio aqui era insuportável e, mesmo dormindo sob um teto, a impressão era a mesma de estar na rua", descreve.

Nos últimos meses de 1958, ficaram prontas as primeiras casas populares da W3 Sul. A avenida era uma via de mão dupla com apenas um dos lados asfaltado. A primeira casa de alvenaria habitada por Carvalho aqui ficava na quadra 40, localizada onde hoje está a 715 Sul. O consultório, entretanto, continuaria a funcionar no Núcleo Bandeirante, fazendo com que o dentista retornasse ao barracão de madeira.

A mudança definitiva para o Plano Piloto seria feita no ano seguinte. Beneficiado com uma loja na altura da 515 Sul, adquirida em um dos leilões que a Novacap realizava, Carvalho montou o primeiro consultório dentário do Plano Piloto. O novo endereço permitia trazer a família para a futura capital do país. A residência do casal ficava no andar de ci-

ma do estabelecimento comercial, como muitos fizeram naquela época.

#### Mudança de rumo

O consultório dentário da família Carvalho existe até hoje e funciona no mesmo local. Mas o atendimento hoje é feito por Olga, que também é dentista. Em 1964, a visão sobre as oportunidades que a capital em desenvolvimento oferecia fez com que Carvalho abandonasse a profissão e se ariscasse no comércio de pneus.

O negócio, que começou pequeno, progrediu de maneira tal que hoje o empresário conta com uma rede de 30 lojas, presentes em dez estados. Além de pneus, Carvalho tem uma construtora e uma empresa de venda de autopeças com seis filiais espalhadas pelo país. "As chances de crescimento que todos tivemos aqui faziam todos deixarem seus lugares de origem pela aventura de construir uma cidade inteirinha", justifica.

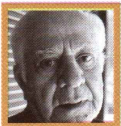
“**EU JÁ CONHECIA SEU TRABALHO (DE JK) COMO GOVERNADOR DE MINAS GERAIS. POR ISSO, NÃO TIVE DÚVIDAS DAQUILO QUE ELE ME FALAVA**”

## Raio X

**Nome:** Hilton Carvalho  
**Idade:** 78  
**Ano de chegada a Brasília:** 1957  
**Natural de:** São Joaquim da Barra, São Paulo  
**Profissão:** Empresário  
**Esposa:** Olga Crispim Carvalho  
**Filhos:** Sebastião, Aluizio, Hilton e Denise  
**Netos:** Marúcia, Hilton, Fabiana, Flávia, Fernanda, Lucas, Luiz Guilherme, Luiz Felipe, Lara, Stefany, Valentine, Bernard, Vinícius, Letícia, Cecília, Aluizio, Maria Eduarda  
**Bisnetos:** Marat e Maxime



## PIONEIROS



Tasso Galvão de Vellasco

# Ele vendeu Brasília, quando ela ainda era um sonho

Arquivo Público

VINÍCIUS NADER

ESPECIAL PARA O CORREIO

As siglas dos endereços de Brasília confundem muita gente até hoje. Imagine como era em 1957. Poucas pessoas entendiam aquelas letras que designavam os setores da nova capital como o pioneiro Tasso Galvão de Vellasco. Até hoje elas fazem parte do cotidiano desse advogado aposentado de 70 anos, pai de duas filhas e avô de três netos brasileiros.

Nascido na cidade de Corumbá, no estado de Goiás, Tasso veio para Brasília três anos antes da inauguração munido apenas “de um espírito de muita aventura e em busca de participar de uma epopéia sem precedentes na história brasileira”. Em Goiânia, cidade onde o jovem de 23 anos estudava Direito, ficaram os amigos, a família e, acima de tudo, a namorada. “Muita gente achou loucura, mas a vontade de viver uma aventura era maior”, lembra Tasso, que, ao voltar para Goiânia, resgatou a namorada, Dina, e se casou com ela em Brasília, onde o casal permaneceu junto até hoje. A aventura de Tasso teve início quando ele e seu colega de serviço no Palácio do Governo de Goiás souberam da oportunidade de vir para Brasília trabalhar na Novacap, a convite de Bernardo Sayão, vice-governador de Goiás, que viria ser um dos diretores da empresa. A estatal, fundada no final de 1956, seria a responsável pela nova capital do país.



Mas quando eles chegaram aqui, em julho de 1957, viram que a aventura era realmente maior do que eles imaginavam. “Brasília não tinha nada. A cidade se resumia nos três acampamentos onde morávamos, em poucas casas separadas para os funcionários do alto escalão e em trailers para todos os lados”, conta Tasso, que, como era estudante de Direito, foi lotado no Departamento de Pessoal da Novacap. As lembranças daqueles tempos de alojamento são grandes, mas nem todas são muito agradáveis. “Os alojamentos não eram um exemplo de conforto, os banheiros eram co-

letivos e a água dos chuveiros era terrivelmente gelada”, diz o pioneiro. Além dos quartos, os alojamentos tinham dois restaurantes “até bonzinhos”, como define Tasso. Um pouco mais tarde, a Cidade Livre — hoje Núcleo Bandeirante — ganhava mais restaurantes, um circo e até mesmo um cinema, onde os pioneiros podiam se divertir depois do expediente. Mas o melhor estava por vir nos fins de semana, quando os jovens iam, todos a bordo de um jipe, para as cidades de Luziânia e Formosa. “Os pais de família dessas cidades tremiam quando nós chegávamos fazendo aquela arruaça-

toda”, diverte-se Tasso, que, sendo hoje pai de duas mulheres, entende muito bem o porquê.

## Espírito Aventureiro

Quase um ano mais tarde, em 1958, a saudade da namorada foi aumentando na mesma proporção com que o tal “espírito aventureiro” ia diminuindo. Nessa mesma época, a Novacap começava a montar seus escritórios nas capitais do Brasil para vender os terrenos de Brasília. Foi aí que Tasso viu surgir a oportunidade de voltar a Goiânia, concluir o curso de Direito e buscar a namorada, Dina. No início era muito difícil vender os lotes em uma cidade onde

**O CINEMA DA CIDADE LIVRE ERA UMA DAS ÚNICAS POSSIBILIDADES DE DIVERTIMENTO NA BRÁSILIA EM CONSTRUÇÃO**

os endereços eram diferentes das tradicionais ruas e avenidas com nomes de personalidades. Era tanta sigla que os corretores, como Tasso, precisavam de um caderninho onde estavam todas elas anotadas. “Mas nosso principal obstáculo era vender lotes em uma cidade que ainda não existia.



## PIONEIROS

*Depois de uma passagem por Brasília, em 1957, Tasso voltou a Goiânia para terminar o curso de Direito e vender terrenos da futura capital. Sua vinda definitiva aconteceu em 1961*

**TASSO VOLTOU PARA BRASÍLIA EM 1961 E AQUI CASOU, CRIOU OS FILHOS E HOJE APROVEITA OS NETOS**



Muitas pessoas não acreditavam que Brasília ia passar de um sonho de Juscelino Kubitschek", lembra Tasso. Além disso, havia o problema de não se ter uma federação criada onde as terras eram compradas já que o Distrito Federal só foi criado em decreto de abril de 1960, na mesma data da inauguração da cidade. "O jeito era registrar os terrenos da Asa e do Lago Sul em Luziânia e os da Asa e do Lago Norte em Planaltina, que eram cidades de Goiás", explica. Mas que não se pense que investir nos terrenos de Brasília era um mau negócio. "Outro dia encontrei um amigo que comprou todo um prédio comercial bem localizado na Asa Sul. Lembramos do tanto que eu insisti para que ele comprasse aquelas lojas e ele me agradeceu dizendo que sem querer acabou ficando rico com esse negócio", conta Tasso, sem revelar o nome do amigo, hoje um conhecido empresário da cidade.

#### O retorno

A situação das vendas só veio melhorar mesmo com a inauguração da cidade. "Aí Brasília já era concreta e as vendas subiram tanto que a oferta passou a ser menor do que a procura", lembra o advogado. Menos de um ano depois da inauguração de Brasília, no final de 1960, Tasso voltou à cidade de vez. Agora já com o diploma de advogado nas mãos e a idéia de casamento na cabeça. "Dina é que gostou de vir para cá com a promessa de nos casarmos, o que acabou acontecendo cerca de seis meses depois", afirma Tasso aos risos. Depois disso, o pioneiro nunca mais saiu daqui. Continuou a vender terrenos para a empresa por um tempo, época em que a NovaCap já tinha um jipe para mostrar os terrenos aos compra-

dores. "Uma vez estava mostrando o Lago Sul para dois deputados que iam se mudar para a cidade e lhes falava sobre o quanto a região estava urbanizada. Quando fizemos a curva, demos de cara com um lobo guará", lembra, bem humorado, garantindo que não perdeu aquela venda por causa do animal. Depois de passar pela NovaCap, Tasso chegou ao Ministério Público do DF, órgão pelo qual se aposentou em 1987.

Em meio a tantas lembranças boas, apenas duas constatações a respeito de Brasília desagradam Tasso de Vellasco. Uma é com relação ao "desvirtuamento" de algumas áreas da cidade. "Ao longo dos últimos 20 anos, vejo que setores como os sobrados da W3 Sul, chamados de HP no plano original, ou Setor de Diversões Sul não estão sendo utilizados como previa o plano original", lamenta o pioneiro, lembrando que hoje as casas previstas para serem térras e todas iguais abrigam pensões, restaurantes e outros ramos comerciais e cresceram desordenadamente. Outra

ressalva que Tasso faz é em relação à falta de memória dos brasileiros com dois nomes importantes para a nossa história. Um é o de Stênio Araújo Bastos, diretor do Departamento de Parques e Jardins da Novacap por muito tempo. "Ele é o responsável pelo fato de a arborização de Brasília ser invejada no mundo inteiro", garante Tasso, lembrando que as árvores enfeitam a cidade e aumentam muito a qualidade de vida dos brasilienses, apontada em recente estudo como a melhor do país. O outro nome é o de Israel Pinheiro. Juscelino e Niemeyer que perdoem Tasso de Vellasco, mas ele afirma categoricamente que, "sem Israel, as idéias deles não sairiam do papel". A afirmação é feita baseada na obstinação e no pulso de ferro com que ele comandava a Novacap. "Com ele não existia essa de feriado ou dia santo. Todo dia era dia de trabalho", diz. Mas Tasso não perde as esperanças e sabe que nunca é tarde para rendermos a essas duas personalidades nossas homenagens.

## Raio X

**Nome:** Tasso Galvão de Vellasco  
**Idade:** 70 anos  
**Origem:** Corumbá, Goiás  
**Profissão:** Advogado aposentado  
**Esposa:** Dina Timo Galvão de Vellasco  
**Filhos:** Lúcia e Denise  
**Netos:** Danilo, Camila e Vitor  
**Ano de chegada a Brasília:** 1957, mas voltou para Goiânia em 1958. Em 1961, veio definitivamente para cá



## PIONEIROS



Yoshiaki Onoyama

# A família das flores e frutas

Reprodução/livro História de Brasília

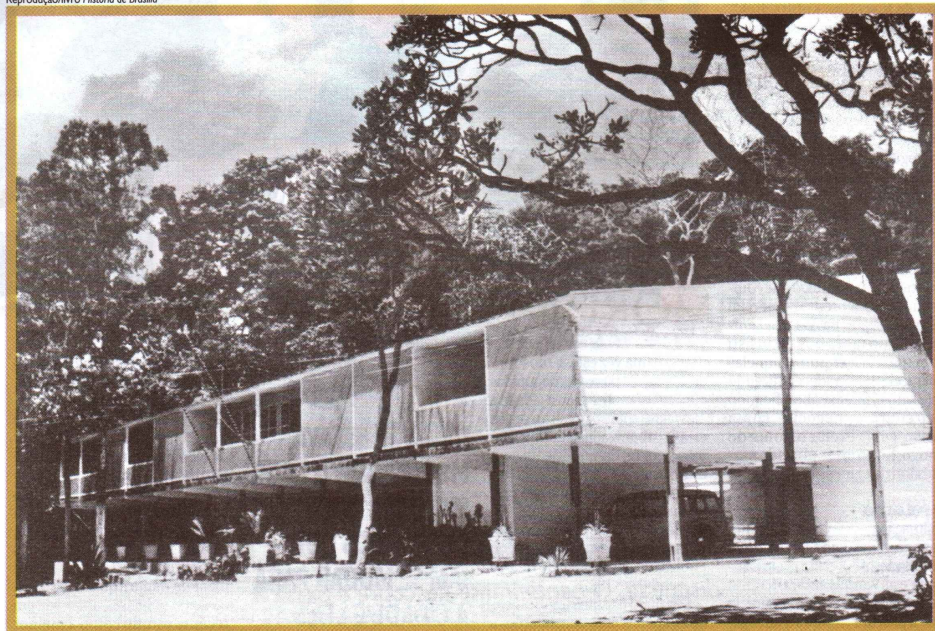
BIANCA CHIAVICATTI

ESPECIAL PARA O CORREIO

Aos 63 anos de idade, Yoshiaki Onoyama ainda não concluiu tudo o que almeja deixar para o Distrito Federal. Herdeiro de um santuário ecológico cravado no centro de Taguatinga — a Chácara Onoyama —, Yoshiaki não pretende descansar antes de conseguir criar uma faculdade de meio ambiente na área desenvolvida pelo pai, o biólogo Saburo Onoyama.

De origem japonesa, a chegada da família Onoyama ao Planalto Central foi um dos fatores fundamentais para a realização do projeto de Juscelino Kubitschek de instalar a capital federal numa região de cerrado fechado. Pouco conhecida, como todo o interior do país na época, a vegetação de árvores baixas e tortas era um tabu para a administração federal. Acreditava-se que o solo daqui era improdutivo. Com a determinação que lhe era característica, JK preferiu não acreditar na “certeza” dos técnicos consultados e sim buscar formas de desenvolver a agricultura e a pecuária necessárias para abastecer a futura capital.

O ano era 1958 e nas ruas de São Paulo comemorava-se o cinqüentenário da independência do Japão. Em visita ao Brasil, o príncipe Mikasa, irmão do imperador Hirohito, recebeu do presi-



dente JK o convite para conhecer o Planalto Central e o pedido de ajudar a desenvolver a região onde seria instalada a nova capital. A resposta imediata indicava um jovem que estudava com afinco as plantas do clima tropical desde sua chegada ao Brasil, quatro anos antes.

Saburo Onoyama vivia com a família e outros 200 compatriotas em Bastos, interior de São Paulo. O biólogo fazia parte de um projeto do governo federal voltado

para a produção da seda em solo nacional e aproveitava a oportunidade para dar início no Brasil à produção de verduras, que, segundo Onoyama, era feita de maneira muito precária.

## No Catetinho

Muito voltados para a preservação de suas tradições, o pedido de um parente do Imperador era uma ordem. O encontro de Saburo com JK aconteceu rápido, ainda em 1958, antes do retorno de

Mikasa ao Japão, e foi marcado pelo plantio simbólico de uma árvore conífera no Catetinho.

A promessa do governo federal a Saburo era de ceder ao agrônomo uma área com cem alqueires de terra na Fazenda Sucupira, próxima ao Riacho Fundo, para o desenvolvimento de pesquisas em botânica e agricultura. O futuro da família Onoyama tornava-se incerto a partir dali.

A transferência de terras não aconteceu. Ciente das dificuldades

**FOI NO CATETINHO QUE OS ONOYAMA PLANTARAM A PRIMEIRA ÁRVORE, PARA MARCAR A INTENÇÃO DE DESENVOLVER O CERRADO**

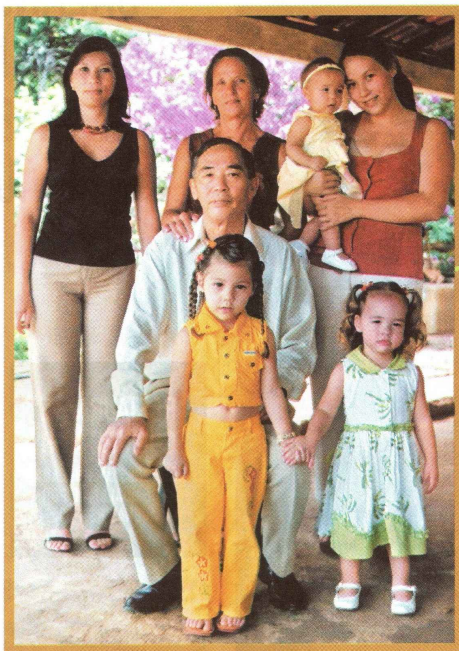
do governo em concretizar a promessa, o agrônomo japonês solicitou então a concessão de 20 chácaras para que ele e outros 20 colonos pudessem realizar o trabalho aqui. A resposta foi uma chácara na região de Campo Limpo.



## PIONEIROS

*Yoshiaki chegou à nova capital, acompanhando o pai, em 1958. A família atendia a um pedido do irmão do imperador Hirohito, para que ajudassem JK a desenvolver o cerrado*

**YOSHIAKE, COM A FAMÍLIA, ALIMENTA O SONHO DE CRIAR UMA FACULDADE DE MEIO AMBIENTE, EM BRASÍLIA**



Parte do acordo deixava de ser cumprido, mas o destino da família já havia sido determinado por um pedido do imperador.

### Taguatinga

Saburo vislumbrava futuro melhor numa região que começava a ser habitada por imigrantes que chegavam ao Planalto Central e não podiam se instalar nas áreas oferecidas pelo governo. Era o nascimento de Taguatinga. No lugar onde cresceria a maior região administrativa do Distrito Federal de hoje não havia nem estrada aberta. Apenas alguns barracos feitos de papelão escondidos no Cerrado.

A área escolhida pela família Onoyama ficava entre o centro da atual Taguatinga e a QNL 2 e foi arrendada. Yoshiaki lembra da maneira que a primeira estrada do local foi aberta por ele e o pai: "Puxamos o cascalho com uma carroça".

Uma vez instalados, Saburo fez o convite para participar da empreitada que iniciava aqui a seis outras famílias de colonos japoneses que viviam em São Paulo e no Paraná. Por falta de recursos, os Onoyama decidiram dedicar-se à produção de hortifrutí.

Como havia espaço suficiente, além de frutas, a família Onoyama também iniciou o plantio de flores no terreno de 55 hectares, mesmo local onde até hoje está a Chácara Onoyama.

As dificuldades eram várias e iam além da falta de dinheiro (Saburo ganhava um salário e Yoshiaki  $\frac{1}{4}$  disto). A irrigação era feita com regador e cifaço. O trabalho que pedia por um trator era feito com a enxada. O único meio de tração, um cavalo e uma carroça, havia sido com-

prado em quatro parcelas de pagamento.

Os primeiros adubos usados pela família não davam resultado. "Por causa dos vários incêndios sofridos ao longo dos anos na região, o solo não possuía as bactérias necessárias para torná-lo fértil", explica Yoshiaki.

E o projeto de Saburo era inovador: inserir no mercado frutas que na época não tinham valor para o comércio. "Hoje é comum encontrar frutas como goiaba no supermercado, mas naquela época frutas desse tipo não tinham boa aceitação", conta Yoshiaki. "Eram consideradas frutas de fundo de quintal", completa. Além de goiaba, Saburo dedicou-se ao plantio de limão, por exemplo, pela grande quantidade de vitamina C apresentada pela fruta. "Ele sabia que isto era importante em um país de clima tropical", explica o filho.

A produção de flores também surpreendia. Em uma oportunidade, por exemplo, os Onoyama desenvolveram um pé de lírio que deu 362 botões da flor. Em outra ocasião, o pé da flor ganhou ares de árvore, com o caule chegando a atingir quatro metros de diâmetro e 20 metros de altura.

As experiências dos Onoyama chegaram aos ouvidos de deputados, senadores e ministros, que terminaram tornando-se clientes fiéis. Em alguns anos, toda a população de Brasília passava a visitar a chácara. O próprio imperador Hirohito, quando visitou a nova capital, esteve pessoalmente no santuário criado pelos Onoyama.

Vários estados convidavam Saburo para desenvolver novas tecnologias de plantio em suas regiões. No Plano Piloto, cerca de 60% do paisagismo da Espla-

“  
POR CAUSA DOS VÁRIOS INCÊNDIOS SOFRIDOS AO LONGO DOS ANOS NA REGIÃO, O SOLO NÃO POSSUÍA AS BACTÉRIAS NECESSÁRIAS PARA TORNÁ-LO FÉRTIL”  
”

nada dos Ministérios e 80% da Octogonal foram feitos pelos japoneses.

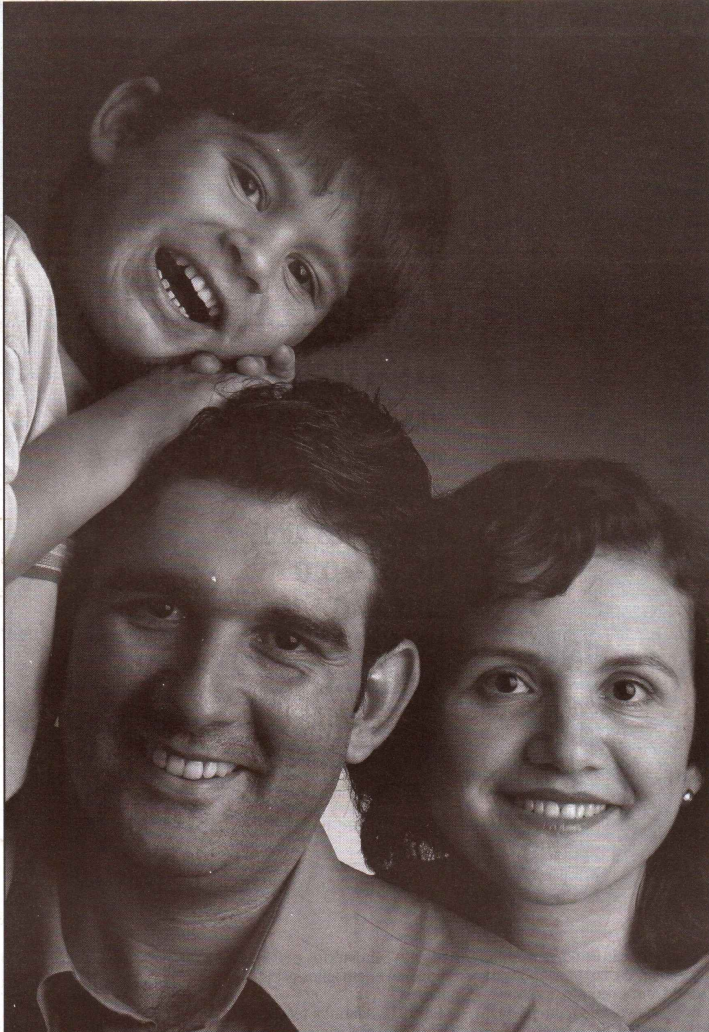
Em 1975, a família recebeu a visita de JK, que já não era mais o presidente da República. O ilustre visitante lamentou não ter tomado conhecimento de que a promessa dos cem alqueires de terra não tinha sido cumprida por autoridades de seu governo e de não ter entregue a escritura definitiva da Chácara aos Onoyama.

Em 1988, quando Saburo faleceu, a família já contava com 30 caminhões Mercedes e o carinho da população local que nunca permitiu a desocupação da área pela especulação imobiliária. No mesmo ano, em 5 de junho, o Parque Vivencial de Taguatinga foi batizado de Parque Vivencial Saburo Onoyama, em reconhecimento à herança deixada pelo pai de Yoshiaki para a cidade.

## Raio X

**Nome:** Yoshiaki Onoyama  
**Idade:** 63 anos  
**Origem:** Japão  
**Ano de chegada a Brasília:** 1958  
**Profissão:** Agricultor  
**Esposa:** Maria Krystina Michalski Onoyama  
**Filhos:** Juliana, Cristiane e Rogério  
**Netos:** Artur, Paula, Marcela, Marina e Lucas



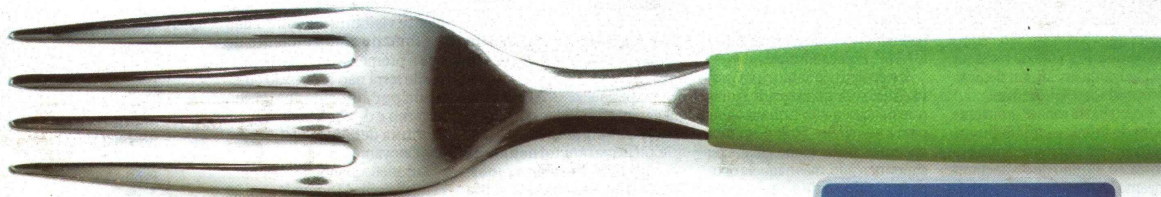


# REFEIÇÕES TÃO BALANÇEADAS QUE NEM PESAM NO ORÇAMENTO DO MAURO.



## RESTAURANTE COMUNITÁRIO

REFEIÇÕES BALANÇEADAS  
E DE QUALIDADE POR  
APENAS R\$ 1,00.



O Mauro é marido da Fátima e pai do Marquinho. Os três fazem questão de almoçar juntos todos os dias no **Restaurante Comunitário**. Um restaurante popular que serve refeições balanceadas e de qualidade por apenas R\$ 1,00. Na verdade, o prato custa R\$ 2,92, mas o GDF paga a diferença de R\$ 1,92. Em Samambaia, Ceilândia, Paranoá, São Sebastião e Santa

Maria, os restaurantes já estão funcionando. Logo, logo, cada Região Administrativa do Distrito Federal terá o seu. O sucesso é tão grande que os Restaurantes Comunitários já servem uma média de 11 mil refeições/dia de segunda a sábado. A família do Mauro é freqüentadora assídua. Os três provaram, aprovaram e repetiram. É que, além do sabor, eles acharam o precinho delicioso.



**GDF**  
GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL